

“QUE SERÁ DE TI, AMAZÔNIA?... AGORA SÃO AS AVES DE TUAS MATAS QUE SE DESFAZEM NA ESCURIDÃO”¹ – EM MEMÓRIA DE ANACLETO BARÉ



WHAT WILL BECOME OF YOU, AMAZÔNIA?... NOW ARE THE BIRDS OF YOUR FOREST THAT FALL APART IN THE DARKNESS” – IM MEMORY OF ANACLETO BARÉ

Angela Rebelo da Silva Arruda *

Resumo

O artigo homenageia a memória do índio Anacleto da Silva Costa, de etnia Baré, que em Novo Airão encontrou um lugar de luta pelas demandas dos indígenas que estão nas cidades – portanto, fora da cobertura de políticas públicas e de reconhecimento étnico – a partir da criação da associação indígena Maku Itá, de caráter multicultural e pluriétnico. Conhecer a história de Anacleto Baré, engrandece a história indígena na referência à cosmovisão desses povos e de toda forma de resistência, adaptação e manutenção dos seus modos de luta e de vida.

Palavras-chave: Povos indígenas; história; cosmovisão.

Abstract

The article pays tribute to the memory of the Indian Anacleto da Silva Costa, of the Baré ethnic group, who in Novo Airão found a place to fight for the demands of the indigenous people who are in the cities – therefore, out of the coverage of public policies and ethnic recognition – from creation of the indigenous association Maku Itá, of a multicultural and multiethnic nature. Knowing the history of Anacleto Baré, enhances the indigenous history in reference to the cosmovision of these peoples and all forms of resistance, adaptation and maintenance of their ways of struggle and life.

Keywords: Indigenous people; history; worldview.

¹ TUFIC, Jorge. *Que será de ti, Amazônia?* In: Quando as noites voavam. Manaus: Editora Valer, 1999. p. 142.

* Doutoranda em História Social na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4244-5652>. E-mail: angelarebeloarruda@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O breve voo da vida na passagem pelo plano terreno da Amazônia vai deixando e levando seus rastros dramáticos de luta, silenciamentos e esquecimentos. À história cabe trazer à luz os sonhos, as transformações e as resistências daqueles que combateram e combatem às adversidades ou se tenderá a extinguir na escuridão dos tempos, a memória pública dos que passam, beirando os rios, pelas cidades, em busca de melhoria de vida, com o velho legado de identidade e referência indígena.

“Eu sou Anacleto da Silva Costa, minha etnia é baré, meu nome indígena é Juruti Tuiué na língua indígena. Juruti é um pássaro que anda beirando o rio. É um pássaro velho. Isso é descendência da gente mesmo.”²



Imagem 1 – Anacleto da Silva Costa, (Baré), 63 anos, agricultor, separado, professor de escola rural aposentado, nascido na Ilha do Açaí, no alto rio Negro, tendo sido um dos protagonistas no processo de criação da associação indígena Maku-Itá.

Fonte: arquivo pessoal.

Lembrar de Anacleto Baré é registrar a luta dos índios que estão fora de suas aldeias de origem, alijados de políticas públicas voltadas para indígenas, portanto, compondo mais um capítulo da saga secular que se esforça pela extinção do índio no Brasil, dentro ou fora das aldeias.

Diferentemente de muitos países nas Américas, onde a presença indígena se mantém forte na articulação das identidades nacionais, o lugar dos índios no Brasil continua sendo conjugado, no mais das vezes, no tempo passado. Hoje, uma minoria absoluta, a população indígena atual mal chega ao 0,20% da população do país como um todo de acordo com a estatística oficial, que ainda a trata como ‘remanescente’. Ainda assim, por trás dessa cifra ínfima floresce um rico painel de diversidade – mais de 200 grupos étnicos que conservam mais de 170 línguas distintas – e um legado histórico do qual o país ainda não se deu conta. Apesar de fundamentada em algumas verdades, a crônica da destruição

² COSTA, Anacleto da Silva (Baré). Entrevista. Novo Airão, 05 de abril de 2015.



e do despovoamento já não é mais aceitável para explicar a trajetória dos povos indígenas nestas terras. O que se omite com tal abordagem, são as múltiplas experiências de elaboração e reformulação de identidades, que se apresentaram como respostas criativas às pesadas situações de contato, contágio e subordinação.³

O contexto urbano parece ser propício àqueles que desejam sua rápida diluição no mundo não indígena. Ignorando toda sorte de adaptação desses povos à lógica adversa que lhes é imposta, tradicionalmente, e muito mais nas cidades, especialmente porque são nelas que se dão os novos destinos diante de um passado de vida em comunidade nas aldeias, ao contrário de uma livre transição com idas e vindas entre o mundo dos indígenas e dos não indígenas com trocas culturais e apropriação de novas ferramentas, sobretudo, porque lideranças indígenas de todo Brasil reconheceram a necessidade disso a fim de manejar melhor o “território inimigo” que definitivamente, não se tratou de uma escolha, mas da forma como o Estado e a sociedade brasileira secularmente travou contra eles uma guerra de extinção.

Contudo, não se deve cair no equívoco de reconhecer apenas uma forma de resistência, elas são múltiplas. Mesmo porque, os rumos da história nem sempre possibilitaram aos indígenas a manutenção de suas vidas nas aldeias. Pensar assim, seria invisibilizar de tantas, ainda mais uma vez, a resistência dos índios que estão nas cidades. Por isso é importante lembrar da luta de indígenas como Anacleto Baré e ser capaz de reconhecer os seus saberes.

Viver na cidade de Novo Airão por cerca de três anos (1998-2001), ainda graduanda em História, possibilitou-me observar o contexto indígena, multicultural e pluriétnico e acompanhar a história de resistência e de luta daquela comunidade que ao longo dos anos, conseguiu concretizar uma organização indígena. Essa experiência norteou minhas pesquisas com oralidade, documentadas conforme observância do que manda a legislação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, e pode gerar, além do Trabalho de Conclusão de Curso, minha Dissertação de Mestrado em História. A notícia da morte do líder indígena Anacleto Baré, causou-me comoção e em sua homenagem apresento um pouco da sua história, pois que ela representa a luta e a resistência daqueles que buscam identidade e direitos sociais para os povos indígenas que estão fora do contexto de suas territorialidades.

³ MONTEIRO, John Manuel. Tupis, tapuias e historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Tese de livre docência. IFCH – Campinas, 2001. p. 78.



CIDADE, RESISTÊNCIAS E A REGÊNCIA DO TRÍPLICE ECOLOGIA, CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NA VIVÊNCIA INDÍGENA

Um dos aspectos mais importantes na valorização das culturas indígenas é o elo que esses povos mantêm com o mundo natural, com o sentido da ecologia em sua visão de integração e interdependência com a natureza, numa conexão que embora agredida, consegue se manter. Essa questão não pode ser vista dentro dos parâmetros não indígenas ou se teria a ideia equivocada do “bom selvagem”, jogando sobre esses povos a responsabilidade de frear a marcha feroz de aniquilamento das florestas e não notar que a integração do índio com o mundo natural é uma experiência espiritual que compõe a realidade de reprodução dos seus modos de vida.

Às vezes eu tenho o sonho, às vezes eu lembro, às vezes não. Mas é uma sequência nossa da vivência, falando diretamente, mais dos nossos avô, né? Porque nossos avô era maior parte pajé. Eles curavam, faziam esse procedimento através de sonho. Existe uma espiritualidade da pessoa, assim quem acredita em certas coisas que entrega à mãe da mata que a gente não conhece muito bem, mas que existe. Então a pessoa quando sai entrega à mãe da mata. A mãe da mata toma conta do seu trabalho, pra que outro tipo de animal não devorar, comer certas coisas que, por exemplo, o veado come a folha do cará, batata, né? Então a pessoa entrega pra mãe da mata, a mãe da mata é, a gente confia tanto que ele toma conta e às vezes não acontece, né? Que nada mexe.⁴

“Religião’ procede de *religio*, vocábulo relacionado com *reliagatio*, que é substantivo de *religare*”⁵. No sentido etimológico do que a religião se propõe a fazer, “religar”, “vincular” ou “atar” ao divino parece desnecessário ao homem indígena, já ligado, já vinculado e atado ao aspecto divino do mundo natural a ele manifestado.

Esse sentido de unidade com o mundo natural, que é um dos fatores que caracterizam a experiência espiritual, é plenamente confirmado pela compreensão da vida na ciência contemporânea. Na medida em que compreendemos como as raízes da vida se aprofundam até as realidades básicas da física e da química, como o desdobramento da complexidade começou muito anos antes da formação das primeiras células vivas, e como a vida evoluiu durante bilhões de anos usando repetidamente os mesmos padrões e processos básicos, percebemos quão estreitamente estamos ligados com todo o tecido da vida.⁶

⁴ COSTA, Anacleto da Silva (Baré). Entrevista. Novo Airão, 05 de abril de 2015.

⁵ FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. Tomo IV (Q-R). Traduzido por Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 2506.

⁶ CAPRA, Fritjof. *O Tao da física: uma análise dos paralelos entre física moderna e o misticismo oriental*. Prefácio à edição brasileira Mário Schenberg; tradução José Fernandes Dias; revisão técnica Newton Roberval Eichemberg. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 15.



Voltar-se aos saberes indígenas é compreender que esses povos talvez, jamais, precisaram notar essa conexão da qual parte da ciência contemporânea finalmente se convence. Nesse sentido, a ecologia desponta com a percepção de estar conectada intensamente com a natureza.⁷ “A conexão, a relação e a interdependência são conceitos fundamentais da ecologia, e a conexão, a relação e o pertencer também constituem a essência da experiência religiosa. Por isso, acredito que a ecologia é a ponte ideal entre a ciência e a espiritualidade”⁸ o que dentro da cosmovisão indígena pareça se tratar de um tríplice que norteia seus modos de ser e de pertencer ao mundo natural.

Lembrar da história de Anacleto Baré é mergulhar na ecologia indígena, essência preservada na autenticidade de suas práticas que difere totalmente daqueles que não a compreendem e evocam a ecologia em manejos sustentáveis crucialmente fiéis à lógica de mercado na exploração de recursos naturais.

Que será de ti, Amazônia
Esfinge dos néscios
Apetite dos glutões
Motivo de inspiração e de escárnio
Natureza morta
Peixe colorido de estrelas importadas
Autofagia mítica
Cipoal de batalhas demiúrgicas
Aleijão vegetativo
Sementeira de astronaves,
Agora que meia dúzia de sábios
Te colocam no banco dos réus e
E te julgam
Em nome da ecologia?⁹

Ao contrário do não índio,

o índio sabe que o ecossistema que habita foi arrumado por uma força e sabedoria superiores à sua, não lhe cabendo interferir além dos limites que condicionam sua sobrevivência natural; nesse entendimento reside o grande relacionamento que ele mantém com a Consciência Cósmica.¹⁰

⁷ CAPRA, Fritjof, op. cit.

⁸ Idem.

⁹ TUFIC, Jorge. op. cit., p. 141.

¹⁰ CARREIRA, Evandro. A Consciência Cósmica do índio. Brasília: Senado Federal, 1978. p. 11.



Talvez por essa razão, é que Capra¹¹ acredita ser a ecologia ponte ideal entre ciência e espiritualidade. Nesse sentido, são os povos indígenas mestres do “reencontro daquele ilapso perdido no neolítico que representava garantia da perpetuidade no planeta”¹², muito embora tenham sofrido todo tipo de violações em seus modos de vida, uma vez que lhes foram impostos língua, religião, e lógica de trabalho completamente distanciada de suas realidades.

Eu passei dois anos em internato na escola dos Salesianos já, em Santa Isabel quando fui aprender falar português que eu não falava. Na época eu já tinha 9 anos já. Passei 2 anos internado, preso lá pra poder falar português que era obrigado, o padre não queria que eu falasse minha língua com os outros, né? Então... Ele proibiu, ele proibia a de todo mundo, não era só..., era uma, era quase assim vamos dizer, quase uma escravidade, né? Que é impedir você ter conhecimento. Então nesse sentido, muitos perderam a sua cultura, o seu conhecimento da origem, porque ele não queria mais que a gente procedesse naquilo que era nosso e a mudança veio, essa parte do pouco conhecimento que eu tenho foi aí; que ele queria, queria não, ele fez que todo mundo conhecesse uma vida nova, né? Proceder com o que está hoje, né? Como o que nós estamos aqui. Porque eu já estava grande, não pude esquecer. E a minha mãe morreu, não deu uma palavra de português. Sempre eu falava com ela, meu pai, aí eu não esqueci. Eu acredito que Deus deixou essa parte aí pra me prevenir, né? Até hoje.¹³

Lembrar de Anacleto Baré, é evidenciar as condições sociais desses “novos” habitantes das cidades. Toda sua família fora deslocada de seu lugar de origem e, como ela, tantos indígenas foram arrancados de suas tradições a fim de atender a uma lógica de produção absolutamente alienígena. A referência que ele faz a uma vida de escravidão, demonstra seu discernimento que o levaria a lutar pela valorização e preservação dos saberes indígenas. Tendo nascido na ilha do Açaí, no alto rio Negro, ele relata:

Lá era uma povoação de mais ou menos de trinta a quarenta família, um povoado, uma aldeia grande na época e era maior parte família. Era só família, era tio, sobrinho e assim por diante, né? E quando surgiu na época que eu me lembro, já me lembro, que praticamente na época do escravidão que os patrão trabalhava com produção de borracha, castanha, sorva, balata, certas coisas, iam buscar o pessoal pra lá, né? Pro alto rio Negro. Então além disso tinha um porém, quando a pessoa vinha se ele pagasse a conta ele voltava, se não pagasse ele ficava pra cá, até pagar, muitas das vezes morria ou muitas das vezes arrumava já outra mulher pra cá, criava outra família e a família ficava pra lá, não podia mais retornar. E a nossa sequência, a nossa família, o meu pai,

¹¹ CAPRA, op. cit.

¹² CARREIRA, op. cit., p. 15.

¹³ COSTA, Anacleto da Silva (Baré). Entrevista. Novo Airão, 05 de abril de 2015.



ele por outro lado, ele foi esperto, quando veio, veio com toda família. Isso foi que moveu nós da nossa localidade, da onde nós vivia. Foi já pra vim fazer a extração de produto natural da região, no caso, borracha, sorva, balata, piaçava, e outros tipos de atividade, cipó...¹⁴

A MAKU ITÁ E O PROTAGONISMO DE ANACLETO BARÉ

Lutando diante de tantas adversidades impostas às culturas indígenas, repetindo a história de muitos que acabavam pousando nas cidades em busca de melhoria de vida, geralmente herdeiros do sistema de aviamento que é sem sombra de dúvida “uma trágica dimensão presente na história da Amazônia: a violência praticada contra os moradores dos rios, das várzeas e das florestas da região”¹⁵. O velho Juruti, sobrevoava com esperança ao encontro de seus pares, parentes, na solidariedade que em Novo Airão iria se concretizar em comunidade pluriétnica e multicultural.

A fundação na época do Maku Itá, pela determinação do meu amigo Aderson [Cabral] é o seguinte que quando ele fez uma, uma pesquisa não..., parece que andaram procurando ele, né? Ele começou fazer levantamento e ele chegou até a minha pessoa, né? Pra ajudar ele, né? Então eu tive pensando e se unimo com eles pra formar uma associação, né? Indígena. Mas também, ninguém de nós tinha conhecimento, isso é um profundo que ele engatilhou assim quase empurrado e quando ficou provado já pelo Ministério Público que antes de ser aprovado pelo Ministério Público nós teria que formar uma associação, né? Pra que pudesse fazer um amparo legal dos indígena.¹⁶

A Associação Maku Itá criada em Novo Airão no ano de 2004 por lideranças indígenas como Aderson Cabral (Sateré-Mawé) e o próprio Anacleto da Silva Costa (Baré) tinha em seus integrantes características pluriétnicas e multiculturais oriundas, portanto, de diferentes etnias amazônicas e contou com o apoio de não índios, alcançando, fundamentalmente, a atenção de autoridades públicas a fim de regulamentar a associação na luta por políticas públicas aos índios que estão fora das aldeias de origem. Um caminho de resistência contra o sentido de extinção indígena em curso no Brasil.

¹⁴ Idem.

¹⁵ LEAL; ARAÚJO. *A índia mundurucu Carolina Rosalina de Oliveira e seus liderados na luta contra o esbulho de seu território étnico: o conflito do rio Atininga, Manicoré/AM (1955)*. Canoa do Tempo. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas Volume 13. 2021. p. 14. <https://doi.org/10.38047/rct.v13.FC.2021.d5.p1.16>

¹⁶ COSTA, Anacleto da Silva (Baré). Entrevista. Novo Airão, 05 de abril de 2015.



A partir da criação da Maku Itá, os indígenas de Novo Airão iniciavam, mesmo com todas as adversidades, próprias de organizações multiculturais e pluriétnicas, um caminho de fortalecimento da causa indígena.

A Maku Itá ele tem dois sentidos, a Maku Itá ele tem a exploração no sentido de muitos índios, né? No caso. E no outro sentido também, ele entristece a palavra Maku Itá, o significado dela dizer que o índio pobrezinho que não tem nada, né? É essa a história do significado Maku Itá. Em outro sentido ele coloca que de vários índios, um grupo de indígenas. Do outro lado, no sentido de, não sei se é em tucano ou outra coisa, ele dá o sentido de (...) índios pobre. Em cada linguagem, ele tem um sentido diferente. É essa a nossa complicação. Porque uma palavra pra um é uma coisa, pra outro é outra. É bonito, mas tudo nós tivesse junto assim pra cada um dar o seu detalhe de seguimento de uma palavra. Então isso é muito difícil a senhora catar uma palavra pra que tenha quatro, cinco sentido, em língua diferente que eu quero colocar, mas não é difícil chegar a um consenso. Porque o tucano, ele fica de um lado, desana, ele consegue de outro jeito, baniwa faz a colocação de outro conhecimento, né? E assim por diante.¹⁷

A experiência de organização indígena da Maku Itá evidencia aquilo que apontou José Ribamar Bessa Freire sobre a ideia equivocada tão comum no Brasil de índio genérico, onde “o Tukano, o Desana, o Munduruku, o Waimiri-Atroari deixa de ser Tukano, Desana, Munduruku e Waimiri-Atroari para se transformar no ‘índio’, isto é, no ‘índio genérico’”¹⁸, o que definitivamente não faz sentido entre eles. A formação de uma associação com essas características, ou seja, multicultural e pluriétnica, trouxe a eles alguns desafios, o problema da liderança para culturas tão diversas onde o respeito a determinada hierarquia torna-se, na prática, uma questão complexa.

Então aqui se considera essa parte aí. Então a nossa sequência, eu posso dizer, chega com a dona Natália, ela vai distingue o destino dela, né? O tucano. Chega com a dona Zenaid, ela também joga o conhecimento dela. Então são pessoas que ainda têm conhecimento da região da cultura deles. [...] aqui nós temos dezessete etnias diferentes, cada um tem uma referência diferente, tukano, baniwa, desana, outro tipos de povo, né? Não é diretamente combinável correto com a tribo baré; a personalidade de desano é outro, pode ser quase igual, mas ele tem uma diferença. Isso aí é muito..., sempre eu falo aqui pra eles, que ninguém pode dominar uma pessoa, é muito errado nós estamos aqui em Novo Airão; colocar uma presidência de uma instituição, um tuxaua pra dominar quatorze, quinze etnia diferente que ele não conhece toda a realidade desse povo, então cada qual tem que seguir aquilo que pertence, no caso, à cultura. Eu não posso chegar na casa de um baniwa e dizer: olha, nós vamos ter que fazer isso, né? Porque ele tem a cultura

¹⁷ Idem.

¹⁸ FREIRE, José Ribamar Bessa. *Cinco ideias equivocadas sobre os índios*. REVISTA ENSAIOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – 2016.2 / VOL. 01 3 – 23. p. 6.



e é diferente. Essa é uma das radical que nós estamos errado aqui em Novo Airão.¹⁹

De todo modo, o objetivo em comum de pautas, como políticas públicas para os índios fora das aldeias, foi capaz de manter relativamente, a coesão necessária para a luta dessas famílias indígenas onde despontava a valorização de suas línguas maternas e práticas culturais mantidas.

Eu não esqueço o interior, né? Eu continuo, eu tenho um terreninho no interior, continuo trabalhando algum roçado, né? Eu nunca deixei de manter aquilo que me pertence. Então a vida é mais ou menos essa parte assim porque que nossa vida era..., acho que não era triste não. Que a nossa vivência, como eu falei, isso eu não coloquei, que meu avó que criava nós, é..., nós era tão acostumado com quinhapira e caribé, aquilo pra nós era um divertimento de comida muito saudável, né? Quatro horas todo mundo tinha que tá tomando banho, saía do banho e ia pra redor do fogo lá, panela tava pronta, mingau tava pronto e aquilo a gente comia e pronto.²⁰

As memórias de Anacleto Baré não eram conjugadas somente no passado, a manutenção de um terreno no interior para a prática do roçado é recheada de significados que vão muito além de um modo de viver, mas um modo de pertencer. Sua ligação ininterrupta com os saberes indígenas fez nascer nele um bonito projeto de valorização das culturas indígenas. Aproveitando-se de suas habilidades como artesão, Anacleto Baré produziu uma série de peças visando uma exposição em praça pública para os estudantes de Novo Airão.



Imagem 2 – Praça do Bacabau – sobre a mesa armada na praça, objetos e artefatos preparados por Anacleto Baré sobre a cultura indígena.

Fonte: arquivo pessoal.

Porém, seus objetivos não eram de mera apresentação para contribuir com a educação de estudantes, mas uma luta legítima de direito à história, como ele explica:

Eu quero dizer assim porque isso é meu pensamento porque como nós não temos história, o indígena ele não tem história, é pra que algumas

¹⁹ COSTA, Anacleto da Silva (Baré). Entrevista. Novo Airão, 05 de abril de 2015.

²⁰ Idem.

pessoas entenda que aquilo fica como uma história. Eu com provação de qualquer demonstração, ele fica como história, né? Ele não fica como mito pra só contando mesmo a história, né? Então tem a peça que vai provar que aquilo existiu pra quem vai entender, mesmo pra quem não entenda, mas ele vai acreditar que aquilo é realidade da vida indígena, né? Mas isso surgiu do meu pensamento mesmo, eu fiquei analisando toda situação e hoje não me adianta eu dizer que eu sou indígena se eu não conheço nada da realidade. Eu não tenho que andar atrás da cultura dos outros, eu tenho que provar a minha cultura junto da sociedade, então esse é o meu objetivo, por isso que vezes eu sou contra a pessoa que quer fazer tanta coisa sem conhecer, isso é uma realidade que estou falando, não tô julgando ninguém não. Então é essa aí, eu quero provar o que é aquilo, porque minha entidade [etnicidade, identidade (?)] é isso, reconhecimento da minha cultura, conhecimento da minha língua, no caso, que eu falo. Então eu produzo, eu provo que sou, não sou como aquela pessoa que tem tudo da cultura, mas eu tenho um pouco de conhecimento pra provar pra todo mundo que o Novo Airão tem indígena. (...) Historicamente nós temos como estou lhe falando aqui, você não tem um livro que tenha uma [com]provação de dizer que isso aqui foi dito, que foi dado tal tempo. Tá aqui, fulano de tal faleceu, mas deixou aqui escrito pra que o povo veja, então nossa história é só... oral, é falar e pronto, lá se acaba. Não se acaba diretamente, mas...²¹

A questão que aqui se impõe é a necessidade do indígena de ter a sua história, a história da cultura indígena, reconhecida diante da sociedade nacional. É possível perceber, portanto, a violência da invisibilidade dos índios nas cidades, uma violência que pode ser sutil, que parece ser silenciada, exceto quando há luta. “O discurso que busca classificar e enquadrar os sujeitos sociais revela-se vacilante e permeado de contradições, o que possibilita adentrar e ler as diversas camadas de sentido atribuídas pelos agentes sociais em jogo”²², razão pela qual a preocupação também era estendida aos indígenas que estão alheios às suas culturas.

“Porque hoje uma mistura nosso, aqui no rio Negro, não entende, ele sabe que ele é indígena, mas ele não entende o valor dele, ele se trata como igualmente, qualquer uma pessoa.”²³ Portanto, o direito à diferença, da legítima autodenominação étnica é clamor e resistência contra a negação desse reconhecimento por parte da sociedade nacional com o propósito de não atender às demandas diferenciadas dessas culturas, quando não, a fim de favorecer interesses outros, pelos quais os povos indígenas historicamente vêm sofrendo assédio, especialmente, com relação aos seus territórios.

Frente às exigências dos novos tempos, isto é, a vida de diversas famílias indígenas da Amazônia na cidade de Novo Airão, fez-se necessária a reelaboração de

²¹ COSTA, Anacleto da Silva (Baré). Entrevista. Novo Airão, 14 de junho de 2015.

²² LEAL; ARAÚJO. Op. cit. p. 10.

²³ Idem.



estratégias de luta por seus direitos, na medida em que esses sujeitos iam se assumindo como indígenas, como é possível constatar na experiência de Anacleto Baré e de seus pares. A preocupação quanto à autoafirmação de seu legado histórico se justifica cada vez mais nos tempos atuais, onde esses indígenas, ainda mais nas cidades, sofrem a negação de sua etnicidade por parte da sociedade nacional, o que reforça a grande importância da preservação de seus saberes.

Nesse sentido, não basta a autoafirmação étnica, porém à conquista de garantias fundamentais a esses povos. A índia tukano Natália Lana passou por lamentável episódio quando ao tentar obter sua aposentadoria teve que provar para determinada autoridade que era de fato uma índia, sendo-lhe cobrado o uso da língua indígena.

Eu sofri muito, 5 anos aperreada, mas aposentei, aí que ele disse pra mim que eu provasse, se eu falasse meu linguagem eu ia passar bem da aposentadoria. Aí eu falei pra ele, gratifiquei, agradei, aí depois eu falei com o português: você ouviu o que eu falei? Ele disse: não senhora. Aí uma doutora disse: tá vendo, você não sabe, como você quer que ela falasse? Táí agora! Agora eu ouvi tudinho. – ela disse. Eu sei, eu não sei falar bem, mas algumas palavras eu digo, agora eu entendo tudo. – ela falou. Eu estou estudando no livro de tukano. – ela disse. Do tukano eu sei. – ela disse. Agora outra linguagem eu não sei não, é muito difícil. – ela disse. Aí eu agradei ele com minha linguagem.²⁴

Um tanto desafiador é a transmissão oral de conhecimentos indígenas àqueles que nas cidades, naturalmente sob outras demandas, passam a adotar perspectivas e atributos não indígenas, abandonando práticas referentes aos seus modos de vida, de luta, e até a própria língua. Este impacto era notável na angústia de Anacleto Baré ao tentar de maneira quase quixotesca caminhar e viver por esperança.

A clareza que Anacleto Baré possuía sobre a importância da valorização dos saberes indígenas refletia a estratégia adotada no cumprimento de seus objetivos. Como professor aposentado de escola rural, ele havia se disposto inclusive a ensinar o *nheengatu*, língua falada pelo povo *baré*, para as crianças da comunidade de forma totalmente gratuita. “Se vocês quiserem aprender outra língua diferente de português, você vai ter oportunidade, eu vou trabalhar isso com vocês, sem cobrar um centavo do pai e a mãe de vocês, com maior prazer de deixar isso.”²⁵ Neste sentido “vê-se a escola,

²⁴ LANA, Natália (Tukano). Entrevista. Novo Airão, 02 de novembro de 2015.

²⁵ COSTA, Anacleto da Silva (Baré). Entrevista. Novo Airão, Praça do Bacabau, 01 de novembro de 2015.



enquanto nova tradição, como uma possibilidade de recuperar o sentido simbólico do manejo do mundo.”²⁶

Em nome da sua esperança perambulou pelas escolas de Novo Airão em busca da parceria dos professores da cidade, com o propósito de levar aos estudantes, indígenas ou não-indígenas, um pouco de sua própria cultura.

Eu não sei como dizer, que a vontade meu é que levasse esses modelo de cultura pra que as crianças começasse a fazer história junto comigo e dela se tornasse uma escola, não diferenciada, mas uma escola diferente que cada um tem seu procedimento de contagem. Então eu..., não adianta querer fazer, pegar o mundo com a mão sem ter condição, mas começar de coisas pequena. Porque não sei se eu tô ficando doido de velho, mas eu acho que não, porque eu tenho muita vontade de proceder, de deixar ao município de Novo Airão, uma pequena história. Tem noite as vezes que eu não consigo dormir pensando como chegar, mas não tenho solução pra mim, porque eu não tenho dinheiro. Eu quero poder comprar uma casa, poder comprar certa..., alguma coisa que onde eu posso pegar meu objetivo. Então meu interesse agora é levar meu objetivo com as crianças. A professora se empenhou, nós se empenhemos. Ninguém fez divulgação por falta de condição, por falta de planejamento, tudo isso aí ficou difícil, né? Mas eu não esmoreci, mesmo que ela não tivesse aqui, eu tinha vindo sozinho mesmo, de qualquer maneira, eu tinha vindo. Porque eu não desisto de certas coisas não. Eu não sou sonhador, mas eu sou esperançoso.²⁷

Na incansável batida de portas para um homem que ignorava as próprias fragilidades de saúde, como fez referência dona Natália Tukano, “esse velho Anacleto, ele anda com sonda. Ele ficou doente, tem hora que está bem, tem hora que não está bem.”²⁸, ele vislumbrou na praça do Bacabau, o bairro de sua nova esperança.

No dia 01 de novembro de 2015, naquela praça, Anacleto Baré conseguiu reunir, com a ajuda da comunidade, um grupo de crianças dispostas a ouvi-lo sobre a vivência indígena na luta pela sobrevivência. Ele apresentou principalmente sobre o trabalho na caça e na pesca, utilizando-se de peças que ele mesmo havia produzido representando artefatos indígenas. Foi um pequeno avanço, porém significativo. Apoiado sobretudo por algumas pessoas da comunidade novairense, como a professora de história Euci Feitoza da Natividade (não-índia) que se dispôs organizar toda a exibição e a lidar com as crianças de maneira lúdica a fim de atraí-las naquela proposta:

²⁶ LUCIANO, Gersem José dos Santos. Educação para manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: Contra Capa; Laced, 2013. 229 p. (Os Primeiros Brasileiros, v. 8). p. 65.

²⁷ COSTA, Anacleto da Silva (Baré). Entrevista. Novo Airão, Praça do Bacabau, 01 de novembro de 2015.

²⁸ Idem.



Eu penso sempre da seguinte maneira, que as universidades, as escolas, elas são maravilhosas, mas antes delas existirem, os índios, eles já tinham esses conhecimentos da universidade que é a natural, que é a floresta, que é a natureza e aí muitas das vezes eu ficava pensando, nossa como é que ele olha para o céu e diz é meio dia, já vai anoitecer, já vai chover, tantos dias é de chuva, tantos é de sol, tantos dias tem que se plantar macaxeira, tantos dias..., então é assim. São conhecimentos que para quem tem essa vida cabocla que nasceu no rio é bem fácil, é bem simples e aí para uma pessoa que nasceu numa área urbana que acha que fruta só tem no supermercado, que galinha só tem na sacolinha, quando chega no quintal e vai matar, vai fazer..., não, eu não como! Então é um olhar bem diferenciado. E dentro desse conhecimento que o seu Anacleto vai tá repassando pra vocês, muitas das brincadeiras também indígenas que nós brincamos, veio dessas origens. De arco e flecha, de jogar peteca, de pular no rio, de nadar...²⁹

Não se trata, porém, de qualquer curiosidade folclórica e sentido estereotipado do modo de vida indígena, mas urge que tais sujeitos históricos sejam reconhecidos, definitivamente, como “(...) produtores e produtos de processos históricos.”³⁰ A narrativa oral de Anacleto Baré, naquela praça, assumia o compromisso histórico do testemunho sobre a experiência dos povos indígenas da Amazônia, valorizando em sua exibição de artefatos construídos por ele, a criatividade, a inteligência, a técnica e a ciência desses homens e mulheres na luta pela sobrevivência e reprodução dos modos de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O falecimento de Anacleto Baré ocorrido no presente ano, 2021, na cidade de Novo Airão, deixou-nos um exemplo de protagonismo indígena que não pode, como nos versos de Jorge Tufic no título deste artigo, “desfazerem-se na escuridão” do esquecimento e do descaso da tão árdua luta que lidam as várias famílias indígenas de diversas partes da Amazônia que em Novo Airão buscam morada e encontram toda sorte de adversidades e privações de políticas públicas. A luta indígena é a luta de todos nós, é a luta pela história regional da Amazônia, repleta de resistências e adaptações que são recheadas de estratégias frente aos velhos e novos desafios, porque todo dia no Brasil, é dia de perseguição, negação, violação de direitos e tentativa de extinção dos povos indígenas. Que a história de Anacleto Baré inspire o não esmorecimento e a chama de esperança partilhada entre índios e não índios.

²⁹ NATIVIDADE, Euci Feitoza. Fala pública. Novo Airão, Praça do Bacabau, 01 de novembro de 2015.

³⁰ GARFIELD, Seth. *A luta indígena no coração do Brasil: política indigenista, a marcha para o Oeste e os índios Xavante (1937-1988)*. Traduzido por: Claudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 10.



REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Angela Rebelo da Silva. *Experiências e lutas de homens e mulheres indígenas a partir dos seus modos de vida (Novo Airão AM, 2004-2016)*. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da física: uma análise dos paralelos entre física moderna e o misticismo oriental*. Prefácio à edição brasileira Mário Schenberg; tradução José Fernandes Dias; revisão técnica Newton Roberval Eichemberg. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 15.

CARREIRA, Evandro. *A Consciência Cósmica do índio*. Brasília: Senado Federal, 1978. p. 11.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. Tomo IV (Q-R). Traduzido por Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 2506.

FREIRE, José Ribamar Bessa. *Cinco ideias equivocadas sobre os índios*. REVISTA ENSAIOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – 2016.2 / VOL. 01 3 – 23. p. 6.

GARFIELD, Seth. *A luta indígena no coração do Brasil: política indigenista, a marcha para o Oeste e os índios Xavante(1937-1988)*. Traduzido por: Claudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 416 p.

LEAL; ARAÚJO. *A índia mundurucu Carolina Rosalina de Oliveira e seus liderados na luta contra o esbulho de seu território étnico: o conflito do rio Atininga, Manicoré/AM (1955)*. Canoa do Tempo. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas Volume 13. 2021. p. 14.
<https://doi.org/10.38047/rct.v13.FC.2021.d5.p1.16>

LUCIANO, Gersem José dos Santos. *Educação para manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Laced, 2013. 229 p. (Os Primeiros Brasileiros, v. 4). p. 65.

MONTEIRO, John Manuel. *Tupis, tapuias e historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Tese de livre docência. IFCH – Campinas, 2001. p. 78.

TUFIC, Jorge. *Que será de ti, Amazônia?* In: Quando as noites voavam. Manaus: Editora Valer, 1999. p. 142.

Entrevistas

COSTA, Anacleto da Silva (Baré). Entrevista. Novo Airão, 05 de abril e 14 de junho de 2015.

LANA, Natália (Tukano). Entrevista. Novo Airão, 02 de novembro de 2015.

NATIVIDADE, Euci Feitosa. Fala pública. Novo Airão, Praça do Bacabau, 01 de novembro de 2015.

Data de submissão: 17/12/2021

Data de aceite: 01/10/2021.

